

TODAS AS CORES DA PELE: DEBATE SOBRE PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO DE BIOLOGIA

MILENE SOARES DIAS¹; ISABEL DA ROCHA ALDRIGHI²; LEILA MACIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – milenesoaresdias@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rocha-bel@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lfnmacias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências e Biologia no Brasil, ao longo dos tempos têm sofrido uma série de modificações, uma delas diz respeito à introdução do movimento CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) nos centros de pesquisa e ensino. Tal processo surgiu da necessidade em se articular a Ciência aos distintos ramos da sociedade, ou seja, trata-se de uma alternativa que busca dar sentido a metodologia científica, enquanto contribui para a formação cidadã, ao tornar-se “palpável” e compreensível as diferentes classes. Sem isso, a ciência tende a ser falsamente identificada como um tema desconectado das atividades econômicas e produtivas da sociedade, incapaz de promover mudanças sociais na divisão social do trabalho e/ou produção e distribuição de bens e modos de consumo (NASCIMENTO; FERNANDES, MENDONÇA, 2010). Simultaneamente, Stort (1993 *apud* NASCIMENTO; FERNANDES, MENDONÇA, 2010), admite que ao atuar no âmbito social o conhecimento científico pode difundir-se na realidade e tornar-se significativo, pois a visão científica do mundo penetra profundamente o sistema de representações dos sujeitos e o transforma.

Sendo assim, a partir da década de 90, o ato de problematizar o conhecimento científico e situações científicas cotidianas, bem como, realizar atividades desafiadoras para o pensamento, foram retratadas como possibilidades educativas que podem levar os educandos a se apropriarem de conhecimentos relevantes, compreenderem o mundo científico e tecnológico e, dessa forma, desenvolverem habilidades necessárias à interpretação e possível modificação das realidades em que vivem (KRASILCHIK, 1987 *apud* NASCIMENTO; FERNANDES, MENDONÇA, 2010).

Atualmente, a ênfase das interações entre ensino de Ciências e cidadania é amplamente sustentada pela legislação educacional vigente e pelos textos normativos que orientam o ensino de Ciências, não restando dúvidas do interesse do Estado em enfatizar a importância das relações sociais nos processos educativos, que segundo a legislação educacional brasileira, tem como finalidade formar para a cidadania (VERRANGIA; PETRONILHA, 2010).

Dada então a importância do conhecimento em Ciências e Biologia para as relações sociais, e mais do que isso, para a formação do cidadão, cabe destacar dentro desta perspectiva a necessidade de discussões a respeito do preconceito étnico-racial, principalmente por tratar-se de um momento importante na história brasileira onde nunca se discutiu tão abertamente os problemas étnico-raciais que assolam o país, resultado das fortes pressões exercidas pelo Movimento Negro e acordos internacionais do governo (VERRANGIA; PETRONILHA, 2010).

Neste contexto, a escola atua como ambiente ideal para abrigar tais reflexões, pois se trata de um local rico em diversidade. Todavia, o que se observa é um visível desconforto durante a abordagem do tema, que segundo

VERRANGIA e PETRONILHA (2010), muitos professores o discutem de modo desorientado, despreparado e/ou inseguro.

Posto isso, a formação de indivíduos críticos e autônomos, talvez seja possível a partir de intervenções que permitam a associação do tema polêmico com o objeto científico de estudo, dando-lhe significado e tornando-o mais concreto tanto para educandos quanto para os educadores.

A partir disso, este trabalho surgiu como uma alternativa para trabalhar com preconceito étnico-racial nas aulas de Biologia em turmas de Ensino Médio Politécnico, cujo objetivo foi destacar a participação evolutiva e científica nas questões étnico-raciais.

2. METODOLOGIA

A atividade foi realizada por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) com as turmas de Ensino Médio Politécnico noturno, cerca de 20 estudantes, da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, localizada no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. A oficina intitulada “Todas as Cores da Pele”, aconteceu durante a semana da Consciência Negra, e envolveu uma roda de discussão, apresentação em *PowerPoint* e posteriormente um jogo que relacionava conceitos trabalhados em Biologia com o assunto discutido.

Tal intervenção surgiu a partir de um questionário sobre a percepção dos alunos a respeito do preconceito étnico-racial, do qual foi constatada uma visão depreciativa em relação aos negros, bem como, carência de informações sobre a política de cotas raciais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A roda de discussão teve início com uma breve explicação sobre evolução humana, de modo que foi demonstrada uma teoria desenvolvida pelos pesquisadores JABLONSKI; CHAPLIN (2002), amplamente aceita no meio científico, que descreve a evolução da cor da pele humana como resultado da migração e composição climática de diferentes ambientes, por meio da seleção natural, a fim de proteger elementos essenciais a sobrevivência e reprodução, tal qual a vitamina D e ácido fólico. DOMINGUES; SÁ; GLICK (2003 *apud* VERRANGIA; PETRONILHA, 2010), sugerem esclarecer a formação dos grupos étnico-raciais, fazendo correspondência com o presente trabalho, onde foi evidente a ausência de conhecimento por parte dos alunos a respeito da origem da diferença entre os tons de pele, dando a oportunidade para que o preconceito se instale. Outra proposta interessante, e utilizada na atividade, foi esclarecer os motivos que levaram os negros a serem escravizados e como e porque esta realidade se instalou e perpetuou-se no Brasil, com destaque para o fenótipo africano e indígena, que facilitou a manutenção da condição de escravo do primeiro.

Foi abordado também as marcas históricas que, embora tenha encerrado o período de escravidão do povo negro em todo o mundo, permitem ainda hoje atitudes preconceituosas. Bem como, a contribuição da Ciência para a sustentação dessa condição quando divulga, por exemplo, resultados de análises genéticas acerca da miscigenação brasileira, descartando as condições sociais (OLIVEIRA e HAIDAR, 2014) e indo contra as ações afirmativas.

Por fim, durante a mesa redonda foi ainda discutida a questão das cotas raciais, bem como, a presença de negros na Ciência que é por vezes, omitida.

Fato defendido por VERRANGIA; PETRONILHA (2010), ao admitir que as abordagens relacionadas a Ciência devem se ater à representação da população africana e afro-descendente, na qual os cientistas negros raramente são reconhecidos e valorizados.

4. CONCLUSÕES

A atividade como alternativa para o trabalho do tema preconceito étnico-racial nas aulas de Biologia demonstrou ser conveniente, de modo que, os alunos participantes relataram que a principal contribuição foi o fato de ter sido esclarecedor. Corroborando o que PAULO FREIRE (2013) já afirmava ser o papel da educação libertadora: ensinar de modo subjetivo, tornando o conhecimento uma arma contra qualquer forma de discriminação e/ou dominação.

O preconceito étnico-racial decorrido dos 388 anos de escravidão no Brasil ainda hoje (127 anos após a abolição da escravatura) se destaca, em parte por contribuição da Ciência (como disciplina escolar), quando adota uma postura acrítica, indiferente e até medrosa. Oportunizando a formação de, inversamente ao que sugere o Estado, indivíduos alienados.

É responsabilidade do educador de Ciências e Biologia adotar práticas que reconheçam ideologias e ações racistas, nos seus mais variados aspectos, e a partir disso, servir-se de metodologias que façam dos educandos uma força de combate ao racismo, e outras atitudes discriminatórias (SILVA, 2009). Por consequência, acredita-se que assim, através do movimento CTS a Ciência poderá cumprir seu papel no desenvolvimento da cidadania, bem como, adquirir significado para aluno.

Ademais, durante o processo de construção e elaboração da atividade, foi visível a necessidade de preparar educadores ainda durante a formação acadêmica para o debate sobre temas polêmicos e aparentemente distantes da área de Ciências Biológicas, na finalidade de formar professores capacitados e agentes da mudança e transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOMINGUES, M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (Orgs.) **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro; Fiocruz, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 44ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 41 p.

JABLONSKI, Nina; CHAPLIN, George. **Todas as Cores da Pele**. Scientific American, 2002.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1987.

NASCIMENTO, F. do; FERNANDES, H. L.; MENDONÇA, V. M. de. O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais. **HISTEDBR Revista On-line**, Campinas, n.39, p. 225-249, set. 2010.

OLIVEIRA, Pâmela; HAIDAR, Daniel. **Fraudes na UERJ evidenciam falhas no sistema de cotas**. Revista Veja, 2014. Acesso em jun de 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/uerj-nada-faz-para-deter-as-fraudes-a-lei-das-cotas/>>.

SILVA, Douglas Verrangia Côrrea da. **A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências : diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Educação, Processos de Ensino e Aprendizagem) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2009, 322f.

STORT, E.V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento**: a educação e a formalização da experiência. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010.